

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia - um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. Londrina: Eduel, 2012.

A topofilia assume muitas formas e varia muito em amplitude emocional e intensidade. p. 79

CAPÍTULO UM

introdução

Quais são nossas visões do meio ambiente físico, natural e humanizado? Como o percebemos, estruturamos e avaliamos? Quais foram, e quais são, os nossos ideais ambientais? Como a economia, o estilo de vida e o próprio ambiente físico afetam as atitudes e valores ambientais? Quais são os laços entre meio ambiente e visão do mundo?

Estas são algumas das questões que desejo explorar. Elas são gerais, mas não totalmente inclusivas. A poluição ambiental e a ecologia, dois tópicos de grande importância e interesse para o mundo, situam-se fora do âmbito deste livro. Os temas a serem aqui abordados — percepção, atitudes e valores — preparam-nos, primeiramente, a compreender nós mesmos. Sem a auto-compreensão não podemos esperar por soluções duradouras para os problemas ambientais que, fundamentalmente, são problemas humanos. E os problemas humanos, quer sejam econômicos, políticos ou sociais, dependem do centro psicológico da motivação, dos valores e atitudes que dirigem as energias para os objetivos. A partir da metade da década de 1960, o impulso do movimento (p.1) ecológico-ambiental seguiu em duas direções. Uma é a aplicada: o que pode ser feito a propósito dos cortiços infestados de ratos e das águas poluídas? A outra é teórica e científica, a tentativa para compreender as forças complexas que mantêm o mundo natural. Nenhuma dessas abordagens se preocupa diretamente com a formação de atitudes e valores. Ambientes perigosos e ambientes que são suficientemente ruins para comprometer a saúde requerem ação imediata; as questões de atitudes e valores parecem irrelevantes. O cientista e o teórico, por seu lado, tendem a descuidar a diversidade e a subjetividade humanas porque a tarefa de estabelecer ligações do mundo não-humano já é enormemente complexa. Entretanto, numa visão mais ampla sabemos que as atitudes e crenças não podem ser excluídas nem mesmo da abordagem prática, pois é prático reconhecer as paixões humanas em qualquer cálculo ambiental; elas não podem ser excluídas da abordagem teórica porque o homem é, de fato, o dominante ecológico e o seu comportamento deve ser compreendido em profundidade, e não simplesmente mapeado.

Atualmente não existe uma pesquisa geral das atitudes e valores ambientais. Os estudos que conheço são muito especializados e de extensões limitadas. Como as pesquisas no campo foram realizadas com diferentes finalidades, os trabalhos resultantes são altamente heterogêneos, no conteúdo e na apresentação. Podem ser agrupados em cinco tipos principais: (1) Como os seres humanos, em geral, percebem e estruturam o seu mundo. São procurados traços humanos universais; (2) Percepção e atitude ambientais como uma dimensão da cultura ou da interação entre cultura e meio ambiente. Pessoas analfabetas e comunidades pequenas são examinadas em algum detalhe e numa abordagem holística; (3) Tentativas para inferir atitudes e valores ambientais com o auxílio de pesquisas, questionários e testes psicológicos; (4) Mudanças na avaliação ambiental como parte de um estudo da história das ideias ou da história da cultura; (5) O significado e a história de ambientes como a cidade, o subúrbio, o campo e o selvagem.

É desnorteadora a disparidade em objetivo, método, pressuposições filosóficas e em escala — temporal e espacial. Qual pode ser a base comum entre uma análise detalhada do comportamento, nas compras, das donas de casa em Ames, Iowa, e uma grande pesquisa da doutrina cristã da natureza? Ou entre o estudo do simbolismo da cor como um traço universal e a história da pintura de paisagens? Uma resposta possível é que de algum modo todos eles se referem à maneira pela qual os seres humanos respondem ao seu ambiente físico — a percepção que dele têm e o valor que nele colocam. A resposta soa insatisfatória porque lhe falta exemplificação (p. 2) detalhada. Se fosse preciso fazer uma pesquisa geral sobre o assunto, gostaríamos de escolher das diferentes disciplinas e fazer uma antologia. As antologias invadem o mercado quando aparecem interesses novos e urgentes e não sabemos o que eles são e para onde vão. As antologias exercem uma atração como o “bufê de frios” e nos ameaça com indigestão se tivermos coragem suficiente para ler de um só fôlego. Idealmente, uma única pessoa classificaria o material heterogêneo e apresentaria um ponto de vista unificado. Considerando a pobreza de conceitos abrangentes, o esforço é, quase certo, destinado ao fracasso. No entanto, vale a pena fazê-lo, porque se não o fizermos não descobriremos a fraqueza estrutural do campo. As correntes díspares do conhecimento, em uma mente capaz, conduzem, idealmente, a uma união frutífera; no outro extremo, estas correntes somente podem ser unidas graças à arte do encadernador. Este ensaio, dentro do espectro de realizações fica, no melhor dos casos, quase como um ponto médio entre a colagem e a visão integral. Confio que ele estimulará outros a fazê-lo melhor, senão por suas qualidades, por suas fraquezas evidentes.

Nenhum conceito abrangente guia o meu esforço. O melhor que posso fazer é

estruturar o tema da topofilia com um conjunto limitado de conceitos. Tentei o seguinte: (1) examinar a percepção e os valores ambientais em diferentes níveis: as espécies, o grupo e o indivíduo; (2) manter cultura e meio ambiente, topofilia e meio ambiente, tão distintos a fim de mostrar como eles mutuamente contribuem para a formação de valores; (3) introduzir o conceito de mudança, com um esquema do deslocamento da visão medieval europeia do mundo para um modelo científico, e o que isso significou para as atitudes ambientais; (4) examinar a ideia da busca do meio ambiente na cidade, no subúrbio, no campo e o selvagem, de uma perspectiva dialética; (5) distinguir tipos diferentes de experiências ambientais e descrever as suas características.

Os métodos de pesquisa não são apresentados. As discussões técnicas sobre os procedimentos aparecem na maioria das publicações sobre meio ambiente e comportamento. Como cientistas sociais temos muitas habilidades, mas os problemas cruciais (diferentes dos socialmente urgentes) geralmente nos escapam, porque não dispomos de conceitos sofisticados para enquadrá-los. Nas ciências físicas, até as leis simples podem desafiar o senso comum. Nas ciências sociais, o senso comum é repetidas vezes confirmado com muita formalidade profissional. Os meios utilizados para atingir os resultados geralmente são mais impressionantes do que os próprios resultados. Não obstante, os resultados sistematizados (p. 3) são inestimáveis porque fornecem precisão às pressuposições de senso comum e, algumas vezes, desafiam e derrubam uma simples opinião.

Uma pesquisa de vanguarda, especialmente dos geógrafos, é a resposta humana aos azares naturais. Eventualmente, este tipo de trabalho nos forneceria compreensão básica de como as pessoas reagem às incertezas durante os eventos naturais. Este trabalho contribui para a psicologia ambiental e possui implicações importantes para o planejamento. Com pesar, omiti os resultados das pesquisas sobre azares, porém eles não têm relações diretas com a topofilia. Por uma razão similar, do capítulo doze ao quatorze, abordei de modo muito ligeiro os meios ambientes deteriorados porque a minha preocupação principal é com a formação e a natureza das atitudes e valores positivos.

Percepção, atitude, valor e visão do mundo, estão entre as palavras chaves do presente trabalho; os seus significados se superpõem. O sentido de cada termo tornar-se-á claro em seu próprio contexto. Aqui estão algumas definições preliminares. Percepção é tanto a resposta dos sentidos aos estímulos externos, como a atividade proposital, na qual certos fenômenos são claramente registrados, enquanto outros retrocedem para a sombra ou são bloqueados. Muito do que percebemos tem valor para nós, para a sobrevivência biológica, e para propiciar algumas satisfações que estão enraizadas na

cultura. Atitude é primariamente uma postura cultural, uma posição que se toma frente ao mundo. Ela tem maior estabilidade do que a percepção e é formada de uma longa sucessão de percepções, isto é, de experiências. As crianças percebem mas não têm atitudes bem formadas, além das que lhe são dadas pela biologia. As atitudes implicam experiência e uma certa firmeza de interesse e valor. As crianças vivem em um meio ambiente; elas têm apenas um mundo e não uma visão do mundo. A visão do mundo é a experiência conceitualizada. Ela (p. 4) é parcialmente pessoal, em grande parte social. Ela é uma atitude ou um sistema de crenças; a palavra sistema implica que as atitudes e crenças estão estruturadas, por mais arbitrárias que as ligações possam parecer, sob uma perspectiva impessoal (objetiva). *Topofilia* é o elo afetivo entre a pessoa e o lugar ou ambiente físico. Difuso como conceito, vívido e concreto como experiência pessoal, a topofilia é o tema persistente deste livro. (p. 5)

CAPÍTULO DOIS

Traços comuns em percepção: os sentidos

A superfície da terra é extremamente variada. Mesmo um conhecimento casual com sua geografia física e a abundância de formas de vida, muito nos dizem. Mas são mais variadas as maneiras como as pessoas percebem e avaliam essa superfície. Duas pessoas não vêem a mesma realidade. Nem dois grupos sociais fazem exatamente a mesma avaliação do meio ambiente. A própria visão científica está ligada à cultura — uma possível perspectiva entre muitas. À medida que prosseguirmos neste estudo, a abundância desnorteadora de perspectivas, nos níveis tanto individual como de grupo, torna-se cada vez mais evidente; e corremos o risco de não notar o fato de que, por mais diversas que sejam as nossas percepções do meio ambiente, como membros da mesma espécie, estamos limitados a ver as coisas de uma certa maneira. Todos os seres humanos compartilham percepções comuns, um mundo comum, em virtude de possuírem órgãos similares. A unicidade da perspectiva humana tornar-se-á evidente quando pararmos para indagar como a realidade humana deve diferir da dos outros animais. Ao contrário do que pareceria, uma pessoa não pode (p. 6) imaginariamente entrar na vida do seu cão: os órgãos dos sentidos dos caninos divergem muito dos nossos e isso impede que possamos nos transportar para o mundo dos cheiros, sons e visões dos cães. Mas com boa vontade uma pessoa poderá entrar no mundo de outra, apesar das diferenças de idade, temperamento e cultura. Neste capítulo, destacarei como os sentidos

humanos diferem, em amplitude e acuidade, dos de alguns outros animais, e a seguir delinearei a unicidade do mundo humano, na medida em que ela procede do equipamento perceptual do homem.

Visão

O ser humano tem outras maneiras para responder ao mundo além dos cinco sentidos da visão, audição, olfato, paladar e tato, por nós conhecidos desde os tempos de Aristóteles. Por exemplo, algumas pessoas são extremamente sensíveis às mudanças sutis na umidade e na pressão atmosférica; outras parecem ser dotadas de um extraordinário sentido de direção, embora se tenha questionado o caráter inato desta faculdade. Dos cinco sentidos tradicionais, o homem depende mais conscientemente da visão do que dos demais sentidos para progredir no mundo. Ele é predominantemente um animal visual. Um mundo mais amplo se lhe abre e muito mais informação, que é espacialmente detalhada e específica, chega até ele através dos olhos, do que através dos sistemas sensoriais da audição, olfato, paladar e tato. A maioria das pessoas, provavelmente considera a visão como sua faculdade mais valiosa e preferiria perder uma perna ou tornar-se surda ou muda a sacrificar a visão.

A visão humana, como a de outros primatas, evoluiu em um meio ambiente arbóreo. No mundo denso e complexo de uma floresta tropical, ver bem é mais importante do que desenvolver um sentido agudo do olfato. Durante o longo trajeto da evolução, os membros da linha primata adquiriram olhos grandes, enquanto o nariz encolheu para permitir aos olhos uma visão desimpedida. Dós mamíferos, só o homem e alguns primatas desfrutam de visão colorida. Para o touro, a bandeira vermelha é preta. Os cavalos vivem em um mundo monocromático. A luz visível aos olhos humanos, no entanto, ocupa somente uma faixa muito estreita na totalidade do espectro eletromagnético. Os raios ultravioletas são invisíveis ao homem, embora as formigas e as abelhas melíferas sejam sensíveis a eles. O homem não possui percepção direta dos raios infra-vermelhos, ao contrário da cascavel que tem receptores sintonizados em comprimentos de onda maiores que 0,7 microns.

(p. 7)

O mundo apareceria estranhamente diferente se os olhos humanos fossem sensíveis à radiação infra-vermelha. Por conseguinte, em lugar da escuridão da noite, seríamos capazes de nos mover facilmente em um mundo sem sombras, onde os objetos brilhariam com graus variados de intensidade. De fato, os olhos humanos são notáveis discernidores das gradações de cores. A sensibilidade cromática da visão humana normal

ostenta um grau de precisão que raramente é ultrapassada na espectrofotometria.

O homem possui visão estereoscópica. Os olhos humanos estão localizados na frente, uma posição que limita o campo visual. Por exemplo, ao contrário do coelho, o homem não pode ver o que está atrás de sua cabeça, mas a vantagem de ter olhos frontais é que eles fornecem uma dupla garantia de informação: a visão binocular auxilia o homem a ver as coisas nitidamente como corpos tridimensionais. Esta é uma habilidade inata, na medida que uma criança logo aprende a considerar referenciais, como a perspectiva linear e a paralaxe, para perceber a forma redonda da face humana. Os bebês com oito semanas de idade são mais capazes de discriminar profundidade e orientação, considerando o tamanho e a constância da forma, e são melhores na realização perfeita, do que um empirista teria previsto.² O tempo e a experiência, entretanto, são necessários para o desenvolvimento pleno da visão tridimensional. Estamos tão acostumados a ver as coisas em sucessão e o mundo em profundidade que é surpreendente saber que muitos artifícios devem ser aprendidos. Pessoas cegas de nascença, devido à catarata congênita e que mais tarde, através de uma operação, recuperaram a visão, têm dificuldade de reconhecer os objetos e mais ainda, de vê-los tridimensionalmente. Elas têm que aprender a significância da distribuição da luz e da sombra no reconhecimento dos sólidos, curvas e relevo.

As mãos e o sentido do tato

Os primatas são mais capazes de distinguir detalhes estáticos do que os outros mamíferos. Seu alimento, na floresta, em geral não se move, de modo que para eles é mais importante perceber objetos como frutos, sementes e brotos por sua forma, cor e textura, do que por seus diminutos movimentos. Como os seres humanos, os macacos e símios provavelmente vêem o meio ambiente (p. 8) como uma coleção de coisas, mais do que simplesmente como um padrão. Para adquirir esta habilidade, o desenvolvimento das mãos, fortes e hábeis, é quase tão importante quanto a evolução da visão tridimensional. Os símios, macacos e o homem provavelmente são os únicos animais a manusear as coisas, apanhá-las e examiná-las de todos os lados. As patas são muito menos eficazes do que as mãos, e entre as mãos dos primatas, as do ser humano combinam força com precisão incomparável.

Tato, o sentido háptico, de fato fornece aos seres humanos uma grande quantidade de informações sobre o mundo. Não é preciso nenhuma habilidade especial para uma pessoa sentir a diferença entre um pedaço de vidro liso e outro lapidado com ranhuras de 1/6.400 de centímetro de profundidade. Com os olhos vendados e com os ouvidos

tapados para remover sinais auditivos, um homem pode, no entanto, reconhecer as diferenças entre plástico, metal, papel, ou madeira, batendo levemente a superfície com uma unha do dedo. A prática melhora a sensibilidade. O medidor profissional de espessura em casas têxteis pode avaliar diferenças sutis na qualidade dos tecidos, com precisão surpreendente. Nem é mesmo necessário usar os seus dedos; passando uma vara sobre o tecido é o suficiente.

A natureza fundamental do sentido do tato nos é demonstrada quando refletimos que uma pessoa sem a visão pode ainda atuar no mundo, com bastante eficiência, mas sem o sentido do tato é duvidoso que possa sobreviver. Estamos sempre “em contato”. Por exemplo, neste momento podemos estar sentido a pressão da cadeira contra nossas costas e a pressão do lápis em nossa mão. O tato é a experiência direta da resistência, a experiência direta do mundo como um sistema de resistências e de pressões que nos persuadem da existência de uma realidade independente de nossa imaginação. Ver não é ainda acreditar: por isso Cristo se ofereceu para ser tocado pelo apóstolo incrédulo. A importância do tato para o conhecimento é sugerida pela expressão idiomática inglesa to keep in touch ou to be out of touch, usada não somente em relação às pessoas mas também aos campos da aprendizagem. (p. 9)

Audição

A sensibilidade auditiva no homem não é muito fina. A audição é menos essencial aos primatas, incluindo os homens, do que para os carnívoros, que rastream as suas presas. As orelhas dos primatas são pequenas e carecem de mobilidade, comparadas às dos animais que rastream para matar. A audição humana média de um jovem tem amplitude que se estende aproximadamente de 16 a 20.000 ciclos por segundo. Se uma pessoa é sensível a um tom mais baixo do que 16 ciclos, ela pode sofrer o incômodo de ouvir as batidas de seu próprio coração. O limite superior da amplitude da audição humana, é modesto, quando comparado ao dos gatos e morcegos: estes mamíferos respondem a sons até de 50.000 e 120.000 ciclos por segundo, respectivamente. O ouvido humano parece ser mais sensível ao som do tom que corresponde ao choro de criança ou mulher. Está adaptado especificamente para a sobrevivência da espécie e geralmente para atrair o mundo através dos sinais auditivos.

Os olhos obtém informações muito mais precisas e detalhadas, sobre o meio ambiente, do que os ouvidos, mas geralmente somos mais sensibilizados pelo que ouvimos do que pelo vemos. O som da chuva batendo contra as folhas, o estrondo do trovão, o assobio do vento no capim e o choro angustiado, nos excitam com intensidade

raramente alcançada pela imagem visual. Para muitas pessoas, a música é uma experiência emocional mais forte do que olhar quadros ou cenários. Por que isso? Em parte, talvez, porque não podemos fechar nossos ouvidos como podemos fechar os olhos. Sentimo-nos mais vulneráveis aos sons." A audição tem a conotação da passividade (receptividade), que a "visão" não possui. Outra razão pode ser que uma das sensações mais importantes do bebê e talvez mesmo do feto é a batida do coração da mãe. Desmond Morris, por exemplo, pensa que isso explica o fato de que a mãe (mesmo quando é canhota) normalmente aconchega o bebê de tal modo que sua cabeça descansa sobre o seio esquerdo. Parece verdade também que o bebê é sensível ao som, fazendo distinções entre o agradável, o confortante e o perturbador, muito antes que possa visualmente discriminar com alguma sutileza.

A importância da audição para a apreensão da realidade pelos seres humanos, é enfatizada pela sensação aguda de perda (p. 10) por aqueles que subitamente ficaram surdos. Contrariamente ao esperado, os efeitos psicológicos da surdez súbita podem ser tão debilitantes como a perda súbita da visão. Depressão profunda, solidão e tendências paranóicas são algumas das conseqüências. Com a surdez, a vida parece congelada e o tempo não progride. O próprio espaço se contrai, porque nossa experiência de espaço é aumentada grandemente pelo sentido auditivo, que fornece informações do mundo além do campo visual. No começo, um mundo que aparenta ter perdido seu dinamismo aparece menos exigente e nervoso; provoca sentimento de desligamento e paz, como acontece de modo agradável quando os sons da cidade são abafados por uma chuva leve ou um manto de neve. Mas logo o silêncio, a perda severa da informação, provoca ansiedade, dissociação e retraimento no surdo.

Olfato

Um homem não pode se projetar no mundo de um cachorro, se não por outra razão, devido ao abismo entre a sensibilidade olfativa das duas espécies. O sentido do olfato do cachorro é pelo menos cem vezes mais agudo que o do homem. Embora os carnívoros e alguns ungulados tenham visão aguçada, para sobreviver em seu mundo, eles dependem mais de seus receptores olfativos, em comparação aos primatas. É claro que o sentido do olfato também é importante para os primatas. Este sentido desempenha um importante papel nos processos fundamentais de alimentação e acasalamento. O homem moderno, entretanto, tende a negligenciar o sentido do olfato. Seu meio ambiente ideal pareceria requerer a eliminação de "cheiros" de qualquer tipo. A palavra "odor" quase sempre significa mal cheiro. Esta tendência é lamentável, pois o nariz humano, de

fato, é um órgão incrivelmente eficiente para farejar informações. Com a prática, uma pessoa pode classificar o mundo em categorias odoríficas, tais como aliáceo, ambrosíaco, hortelã-pimenta, aromático, etéreo, podre, perfumado, caprino ou nauseante.

O odor tem o poder de evocar lembranças vívidas, carregadas emocionalmente, de eventos e cenas passadas. O cheiro de salva pode trazer à memória todo um complexo de sensações: a imagem de grandes planícies onduladas cobertas por grama e pontilhadas por moitas de salva, a luminosidade do sol, o calor, a irregularidade da estrada. De onde vem esse poder? Diversos (p. 11) fatores intervêm. Para uns, o poder de um odor em transportar-nos ao passado pode estar relacionado ao fato de que o córtex, com sua grande reserva de lembranças, evoluiu daquela parte do encéfalo, originalmente relacionada com o olfato. Para outros, os nossos narizes, na infância, não somente eram mais sensíveis mas estavam mais próximos dos odores emanados da terra dos canteiros, das flores, do capim e dos solos úmidos. Na vida adulta, um encontro casual com a fragância de um monte de feno pode sacudir nossa memória para um passado nostálgico. Um outro ponto é que a visão é seletiva e reflete experiência. Quando retornamos à cena de nossa infância, não somente a paisagem mudou mas também a maneira como nós a vemos. Não podemos recapitular completamente o sentimento essencial de um mundo visual do nosso passado sem o auxílio de uma experiência sensorial que não mudou; por exemplo, o forte cheiro da alga marinha apodrecendo.

Percebendo com todos os sentidos

A resposta através da vista, para o mundo, é diferente, em vários aspectos importantes, da resposta através dos outros sentidos. Por exemplo, ver é “objetivo”; ver — como diz o ditado — é crer, mas tendemos a desconfiar da informação obtida através dos ouvidos; é um “boato” ou “rumor”. Ver não envolve profundamente as nossas emoções. Podemos ver, através da janela de um ônibus com ar condicionado, que a favela é feia e indesejável, mas o quão ela é indesejável atinge-nos com pungente força somente quando abrimos a janela e recebemos uma lufada dos esgotos pestilentos. Uma pessoa que simplesmente “vê” é um espectador, um observador, alguém que não está envolvido com a cena. O mundo percebido através dos olhos é mais abstrato do que o conhecido por nós através dos outros sentidos. Os olhos exploram o campo visual e dele abstraem alguns objetos, pontos de interesse, perspectivas. Mas o gosto do limão, a textura de uma pele quente, e o som do farfalhar das folhas nos atingem como sensações. O campo visual é muito maior que o campo dos outros sentidos. Os objetos distantes somente podem ser vistos; por isso temos a tendência de considerar os objetos vistos como

“distantes” — como não provocando nenhuma resposta emocional forte —, embora possam estar bem próximos de nós.

Um ser humano percebe o mundo simultaneamente através de todos os seus sentidos. A informação potencialmente disponível é imensa. No entanto, no dia a dia do homem, é utilizado somente uma pequena porção do seu poder inato para experienciar. (p. 12) Que órgão do sentido seja mais exercitado, varia com o indivíduo e sua cultura. Na sociedade moderna, o homem tem que confiar mais e mais na visão. Para ele, o espaço é limitado e estático, um quadro ou matriz para os objetos. Sem objetos e sem fronteiras, o espaço é vazio. É vazio porque não há nada para ver, embora possa estar cheio de vento. Compare esta atitude com a dos esquimós Aivilik, da ilha Southampton. Para os esquimós, o espaço não é pictórico ou fechado, mas algo sempre em movimento, criando suas próprias dimensões de momento a momento. Ele aprende a orientar-se com todos os sentidos em alerta. Ele tem de fazê-lo durante certo tempo no inverno, quando o céu e a terra se juntam e parecem estar feitos da mesma substância. Não há, então, “distância média, nem perspectiva, nem delineamentos, nada em que os olhos possam se apoiar, exceto os milhares de penachos de fumaça de neve correndo pelo chão, tocados pelo vento — uma terra sem fundo e sem lado”. Sob tais condições, o esquimó não pode depender de pontos dados por referenciais permanentes: ele tem que depender das relações mutáveis das configurações da neve, dos tipos de neve, vento, salinidade do ar e rachaduras no gelo. A direção e o cheiro do vento são um guia, junto com o sentir do gelo e da neve sob os seus pés. O vento invisível desempenha um papel importante na vida dos esquimós Aivilik. Sua língua inclui pelo menos doze termos independentes para os vários ventos. Ele aprende a orientar-se por eles. Nos dias sem horizonte, ele vive em um espaço acústico-olfativo.

A catedral medieval fascina o turista moderno por várias razões, mas há uma que tem sido pouco comentada: a catedral oferece um meio ambiente que estimula o uso simultâneo de três ou quatro receptores sensoriais. Tem-se, algumas vezes, afirmado que o arranha-céu de aço-e-vidro é o equivalente moderno da catedral medieval. Realmente, afora a preferência vertical, as duas construções têm muito pouco em comum. Elas não exemplificam os mesmos princípios de construção, elas não servem para o mesmo uso e seus significados simbólicos são inteiramente diferentes. Novamente, deixando de lado a verticalidade, as experiências sensoriais e estéticas fornecidas por essas duas estruturas são antípodas. O arranha-céu moderno agrada amplamente a vista embora os diversos tipos de assoalhos provoquem mudanças nos estímulos táteis. Se há som, provavelmente é musak, que significa ser audível mas não ouvido. Em contraste, a experiência do interior

da (p. 13) catedral envolve a visão, audição, tato e olfato. Cada sentido reforça o outro, de modo que, juntos, esclarecem a estrutura e a substância do edifício todo, revelando o seu caráter essencial.

Percepção e atividade

A percepção é uma atividade, um estender-se para o mundo. Os órgãos dos sentidos são pouco eficazes quando não são ativamente usados. Nosso sentido tátil é muito delicado, mas para diferenciar a textura ou dureza das superfícies não é suficiente colocar um dedo sobre elas; o dedo tem que se movimentar sobre elas. É possível ter olhos e não ver; ouvidos e não ouvir.

Freqüentemente, tem-se observado o jogo dos filhotes dos mamíferos e, em particular, das crianças. Para os muitos jovens o jogo não está orientado por propósitos definidos. Uma bola é atirada, os blocos são empilhados e derrubados, em grande parte, como manifestações do espírito animal. Nesse jogo sem objetivo, a criança aprende sobre o mundo; ela desenvolve a coordenação do corpo. Pela movimentação, contato e manipulação ela aprende a realidade dos objetos e a estruturação do espaço. Entretanto, ao contrário dos outros primatas, num estágio inicial do desenvolvimento infantil (três ou quatro anos), seu jogo começa a ser governado por temas. O jogo ocorre no contexto de histórias que ela conta a si mesma. Estas são versões transfiguradas de suas experiências em um mundo dirigido por adultos, das histórias que lhe são contadas e dos pedaços de conversas ouvidas. De modo que suas atividades e explorações, são cada vez mais dirigidas por valores culturais. Embora todos os seres humanos tenham órgãos dos sentidos similares, o modo como as suas capacidades são usadas e desenvolvidas começa a divergir numa idade bem precoce. Como resultado, não somente as atitudes para com o meio ambiente diferem, mas difere a capacidade real dos sentidos, de modo que uma pessoa em determinada cultura pode desenvolver um olfato aguçado para perfumes, enquanto os de outra cultura adquirem profunda visão estereoscópica. Ambos os mundos são predominantemente visuais: um será enriquecido por fragrâncias, o outro pela agudeza tridimensional dos objetos e espaços. (p. 14)